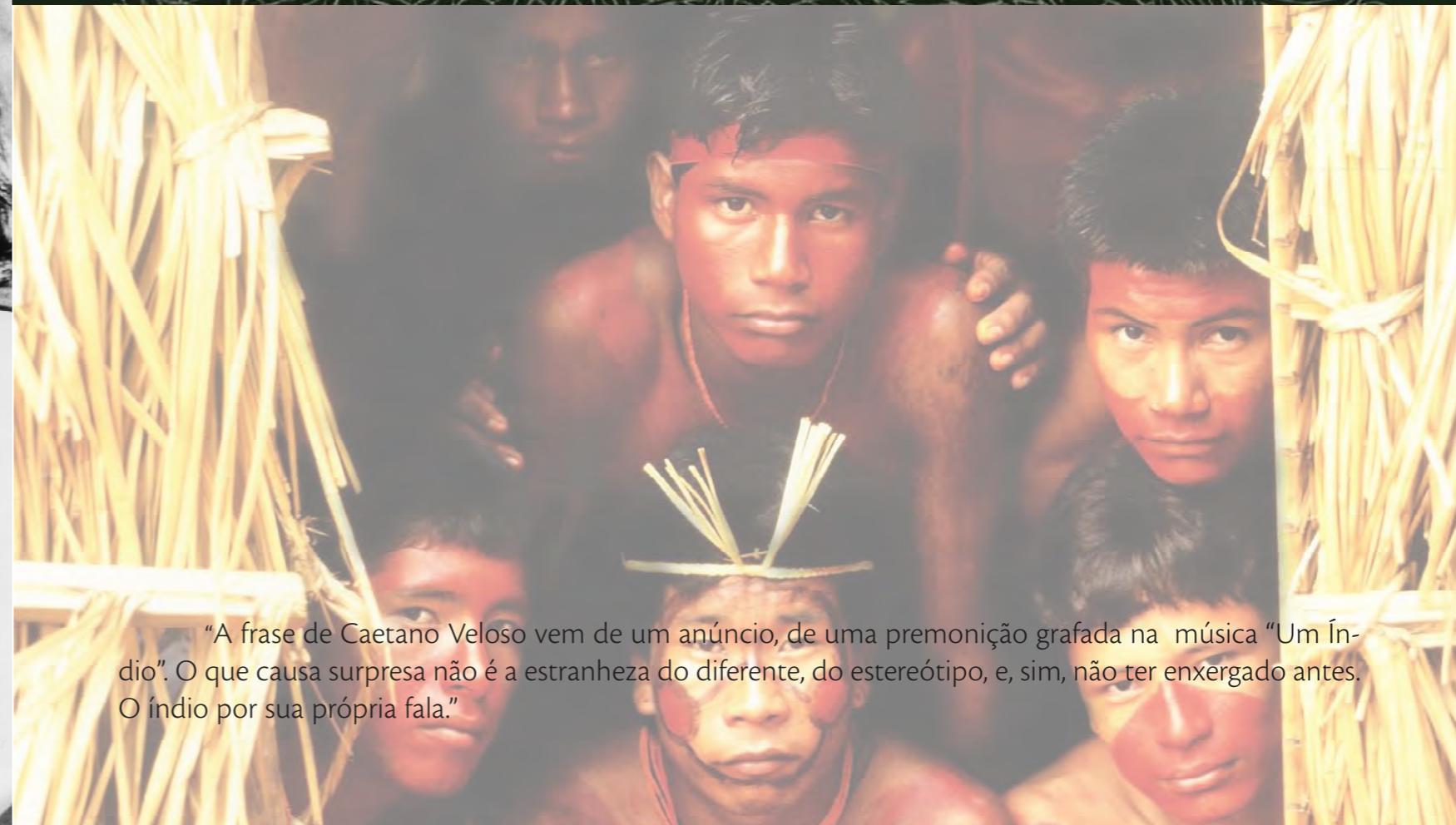


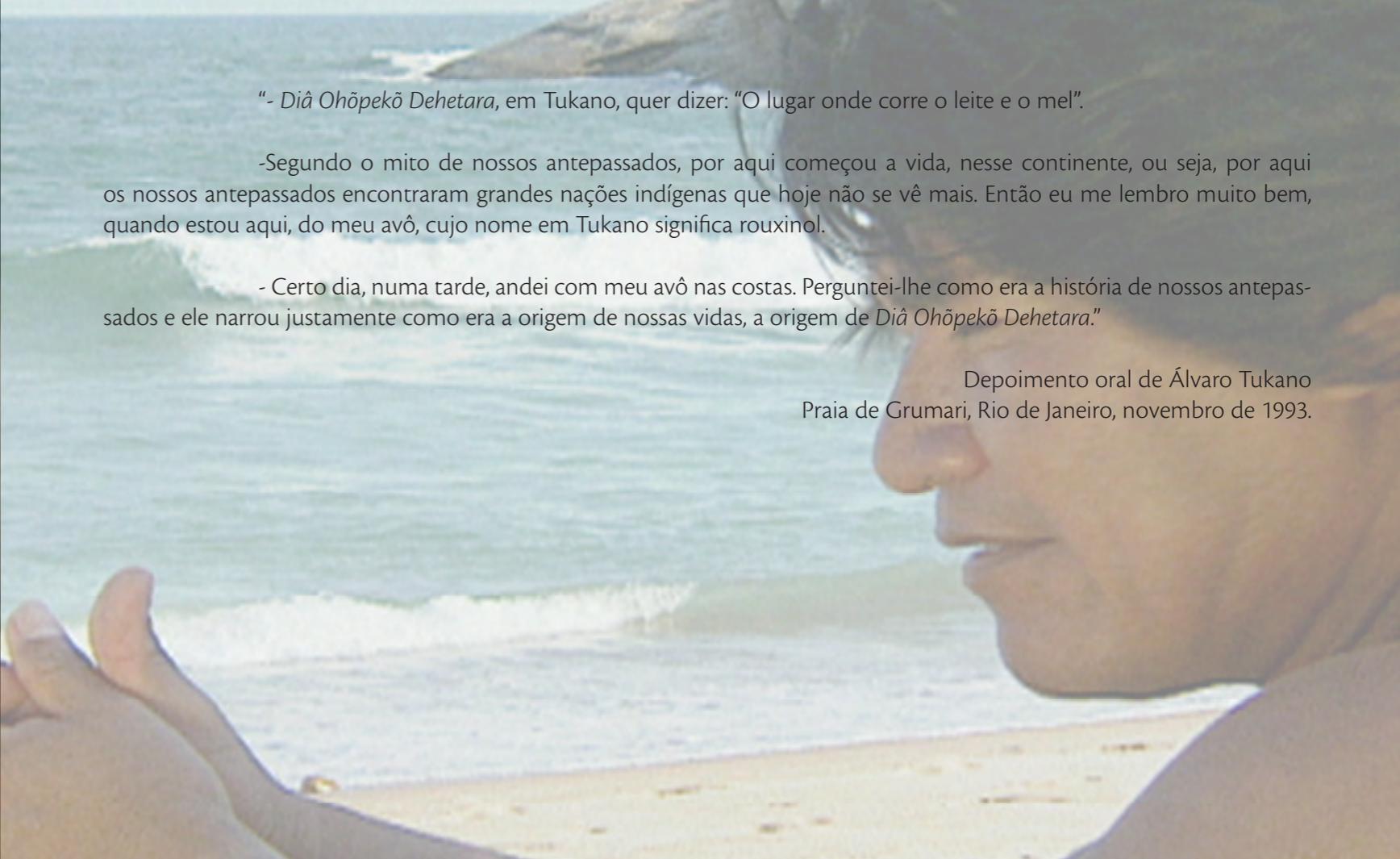


“..surpreenderá a todos não por ser exótico mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto quando terá sido o óbvio”

Caetano Veloso



“A frase de Caetano Veloso vem de um anúncio, de uma premonição grafada na música “Um Índio”. O que causa surpresa não é a estranheza do diferente, do estereótipo, e, sim, não ter enxergado antes. O índio por sua própria fala.”



"- *Diã Ohõpekõ Dehetara*, em Tukano, quer dizer: "O lugar onde corre o leite e o mel".

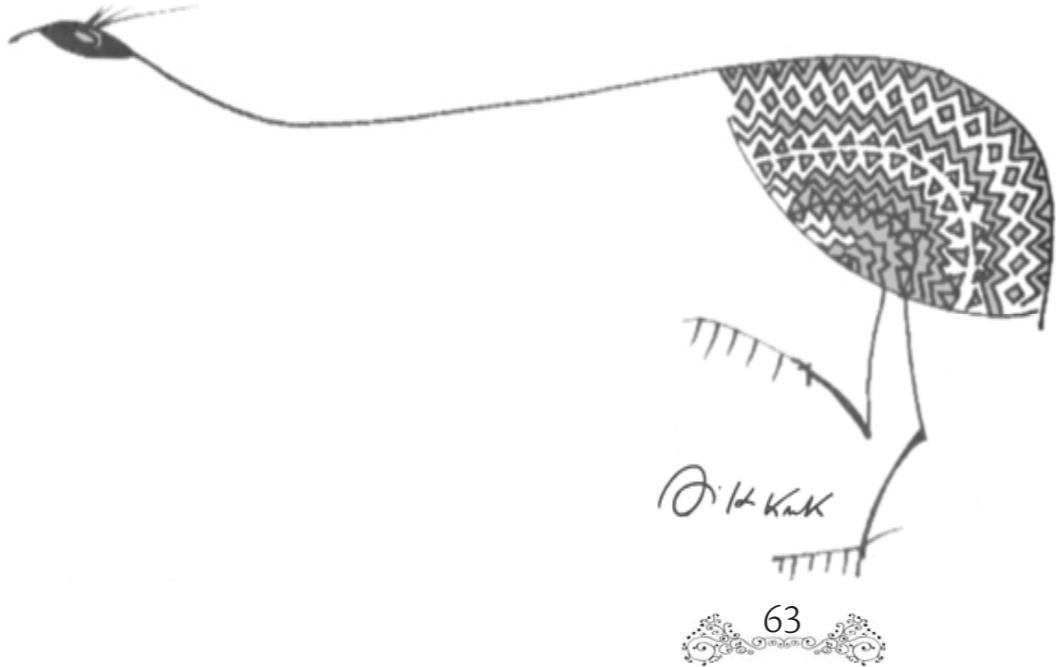
-Segundo o mito de nossos antepassados, por aqui começou a vida, nesse continente, ou seja, por aqui os nossos antepassados encontraram grandes nações indígenas que hoje não se vê mais. Então eu me lembro muito bem, quando estou aqui, do meu avô, cujo nome em Tukano significa rouxinol.

- Certo dia, numa tarde, andei com meu avô nas costas. Perguntei-lhe como era a história de nossos antepassados e ele narrou justamente como era a origem de nossas vidas, a origem de *Diã Ohõpekõ Dehetara*."

Depoimento oral de Álvaro Tukano  
Praia de Grumari, Rio de Janeiro, novembro de 1993.













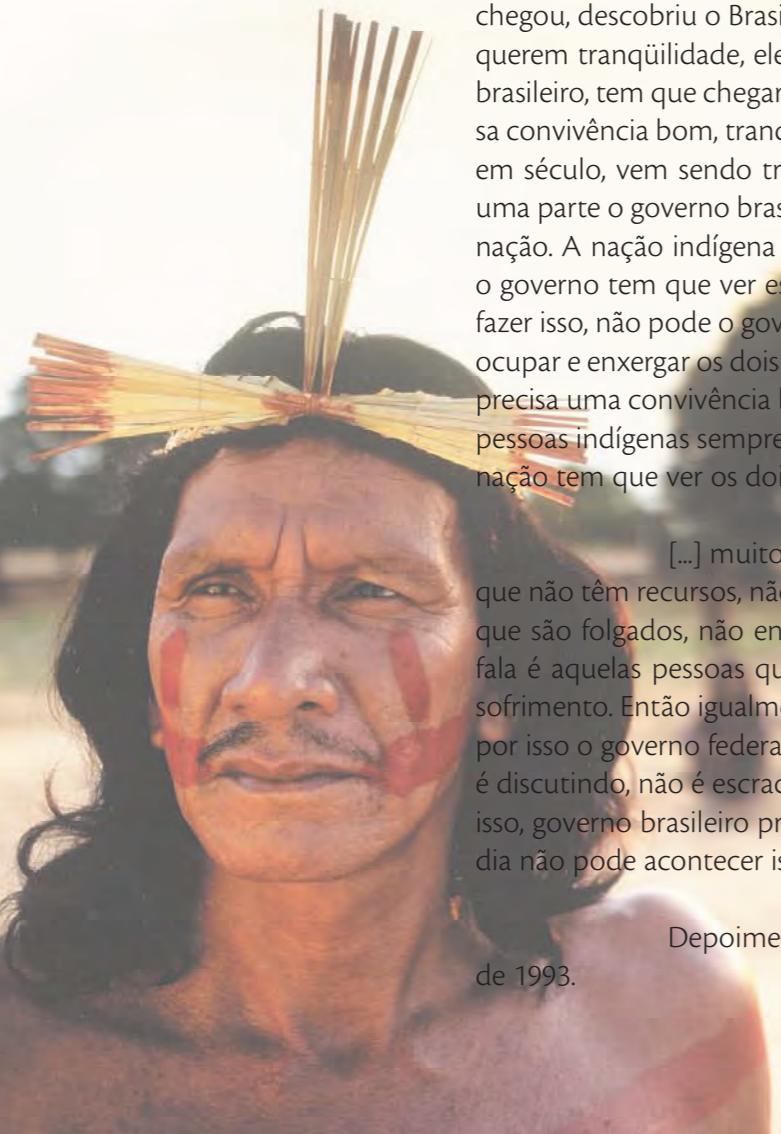




“Eu posso falar alguma coisa sobre a nação indígena dentro do Brasil. Por que a gente está vendo isso? Por que, a partir de hoje, onde está o defeito dentro do Brasil? Onde está o enxergo do governo? Hoje a nação indígena tão no sofrimento, sofrimento legítimo. Mui então que a partir de hoje nós podemos chegar a uma decisão, porque a nação indígena sente a necessidade. Mas por que a nação indígena sente a necessidade? É porque eles precisam trabalhar, eles precisam se virar também! Por que isso? Não se via isso. Então a nação indígena precisa uma coisa normal, nós que somos o dono do Brasil. O Pedro Álvares Cabral chegou, descobriu o Brasil, já existia o índio, então logicamente, a partir de hoje, os índios eles querem tranquilidade, eles querem sobrevivência tranquilo. Mas por que o governo, governo brasileiro, tem que chegar, que ver, enxergar o outro lado, que os índios, a nação indígena precisa convivência bom, tranquilidade. Então que a tribo Krikati não quis deixar tradição de século em século, vem sendo tradição. Bom, os Krikati então querem saber a demarcação. Mas de uma parte o governo brasileiro não chega a enxergar, não chega a ver essa oportunidade dessa nação. A nação indígena precisa dos lugares, precisa o local, porque nós queremos mesmo e o governo tem que ver essa parte. O governo tem que ver a necessidade. Não pode governo fazer isso, não pode o governo ficar na dele e não enxergar pra trás. Tem que o governo se preocupar e enxergar os dois lados, porque precisa essas nações, que somos nós. A nação indígena precisa uma convivência bem, uma vivência bem. Não somos só essa tribo, várias tribos, várias pessoas indígenas sempre se preocupando, eles se preocupam demais porque uma parte, essa nação tem que ver os dois lados.

[...] muitos são lascados e são aquelas pessoas que são pobres, aquelas pessoas que não têm recursos, não têm com que e como sair, mas... muitos que têm os criadores, esses que são folgados, não enxergam a parte dos mais lascados. Esses mais lascados que a gente fala é aquelas pessoas que não têm como conviver, não têm como escapar dos maus e do sofrimento. Então igualmente nós somos essa nação, essa nação aqui sempre já vem assim e aí por isso o governo federal, nessa parte, tem que ver. Índio Krikati fica falando do governo, não é discutindo, não é esbrachando o governo. Mas governo existe pra isso, autoridade existe pra isso, governo brasileiro precisa ver dessa parte, antigamente que aconteceu isso, mas hoje em dia não pode acontecer isso mais.”

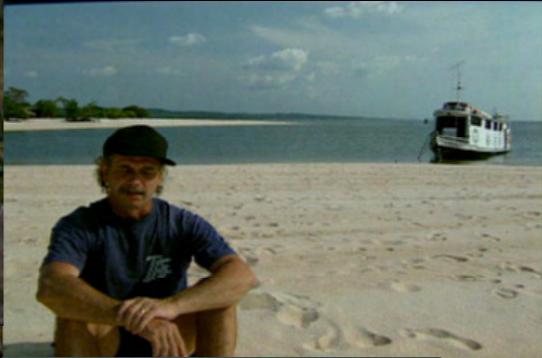
Depoimento oral do Cacique Benjamim Krikati, Montes Alves - MA. Outubro de 1993.















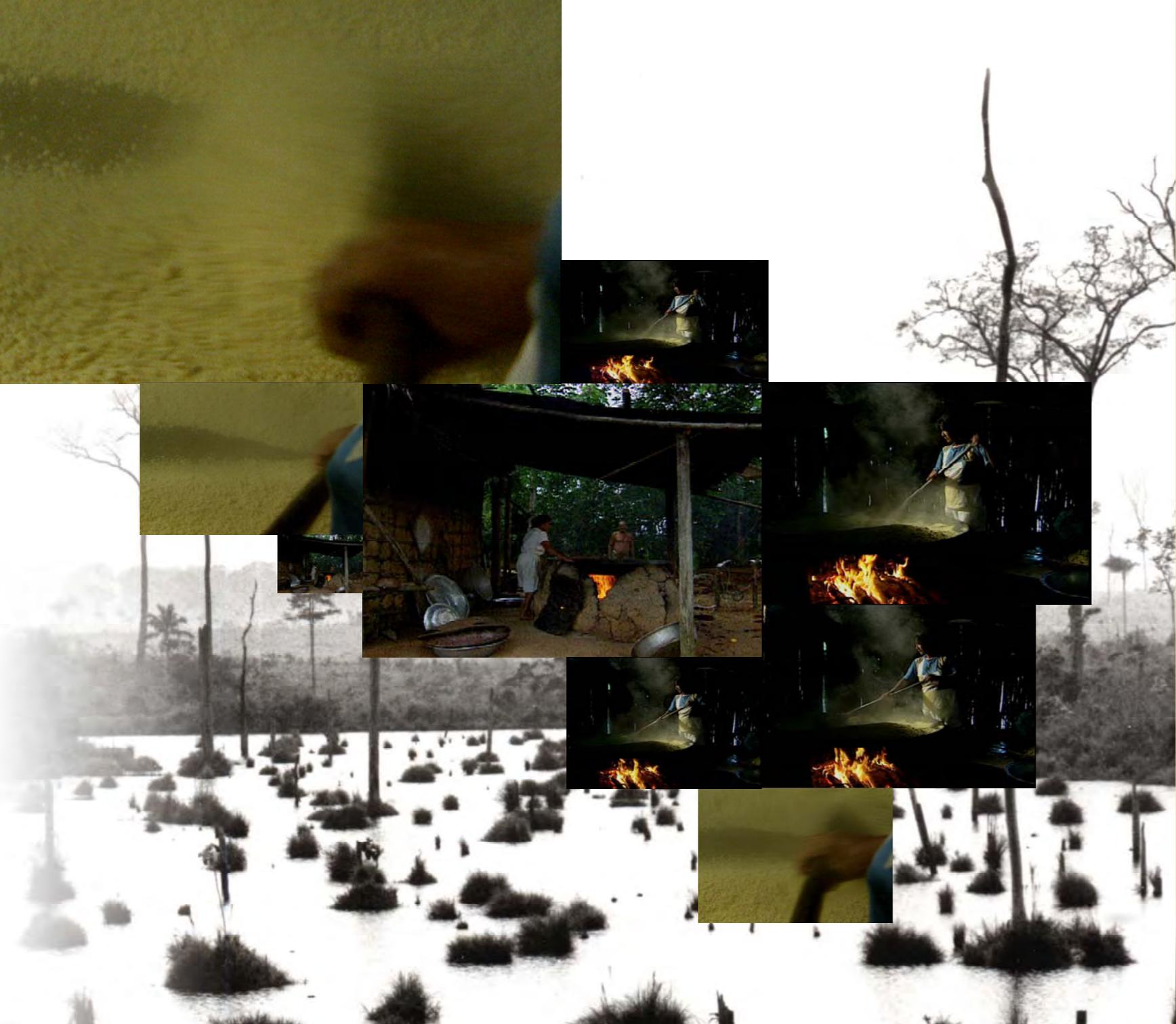






“A Federação é um órgão de referência para todas as comunidades. O objetivo geral da FOIRN é trabalhar com as comunidades. Surgiu com o objetivo de defender os direitos dos índios na demarcação das terras tradicionais e lutar pela subsistência, por tudo que é direito do povo massacrado nesses 500 anos pelo impacto da nova civilização. Conscientizar o povo para conviver com a nova civilização. Isso não significa que nós queremos ser separatistas, muito pelo contrário. O que nós queremos é congregar com essa nova situação para o caminho certo. E esse é o objetivo da FOIRN.”

Depoimento oral de Braz França, do povo Baré, Presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. São Gabriel da Cachoeira - AM, outubro de 1993.







GOVERNO FEDERAL  
MINISTÉRIO DO INTERIOR  
**IBAMA**  
PARQUE NACIONAL DO PICO DA NEBLINA  
ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE





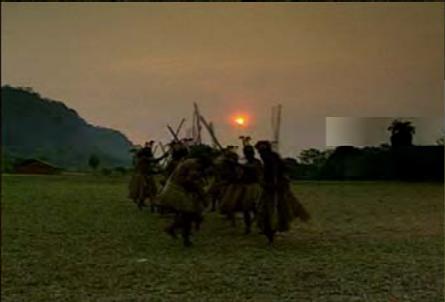
## A carta da terra

O manejo do meio ambiente e da terra sempre foi uma sabedoria de nosso povo. Houve, pois, um tempo em que éramos ricos, dominávamos de ponta a ponta a natureza, as plantas medicinais, seu potencial alimentar e até uma arquitetura da selva. Depois da chegada do colonizador, nos impuseram uma “civilização”, que invadiu nossas terras, destruiu nossos lares, silenciando nossas vozes. Mas os ensinamentos dos nossos antepassados ainda perduram cinco séculos depois.

Amar a terra que nos alimenta, viver os sonhos de nossos sábios; o de sermos gente, deixando para trás um tempo em que, pelo simples fato de sermos diferentes, nos tornaram inúteis. A carta da terra dos povos indígenas é assim: simples e compreensível como o canto dos pássaros e o olhar das crianças.

Marcos Terena  
Coordenador Geral do Comitê Intertribal  
500 Anos de Resistência







“Ela tá contando, tá guardando até hoje na memória o início da aldeia Limão Verde quando nosso chefe falou hoje de manhã. Essa aldeia aqui, ela começou a se formar após a guerra do Paraguai. Então ela reforça a história, tem toda uma memória viva, tá ela aqui que está viva até hoje; que quando o bisavô, os pais dela chegaram até aqui encontraram um pé de limão onde reforçou essa idéia... onde que chamasse Limão Verde essa aldeia aqui. Isso tudo teve seqüência após a guerra do Paraguai, pois eles estavam fugindo procurando esconderijo para que eles pudessem combater também contra a guerra do Paraguai.

[...] Ela não gostaria de contar histórias engraçadas agora no momento porque... porque ela tem de reforçar. Ela tem medo que os próprios netos, bisnetos dela percam a tradição. Ela passa mensagem significativa para o povo Terena, para os povos indígenas nacionais do Brasil, hoje repassa a união do que tem dentro de uma comunidade, a criação do neto dela, a criação do bisneto. Ela sempre busca uma união dentro de uma comunidade, o respeito é muito importante, o respeito entre as pessoas, o ser humano. É isso que ela diz, esse pensamento, essa memória que ela tem até hoje. Isso que ele me passou. Ela não quer acabar com a união que tenha dentro do povo, como uma nação indígena.”

Depoimento oral da anciã Terena de 101 anos de idade [fala na língua com tradução de um bisneto jovem]. Aldeia Limão Verde, Aquidauana - MS. Outubro de 1993.







“[...] Independentemente da extensão destes territórios, é necessário e é preciso que nós pensemos em conjunto uma idéia de manejo desses territórios, um inventário cultural e material dos bens existentes nestes territórios.

Para que, juntos, nós possamos construir estratégias que lidem com a herança espiritual, com os valores da nossa tradição e da nossa cultura. Que possam dar ânimo para o espírito de nossos antepassados. Pois, se nós conseguirmos transmitir para as futuras gerações o sentido sagrado de viver nesta terra, nós teremos conseguido passar para eles a herança que nós recebemos de nossos ancestrais, dos nossos avós. E, caso nós não consigamos passar este patrimônio espiritual para nossos descendentes, não adiantará nós garantirmos territórios extensos, nem sermos comparados com outros povos ricos materialmente [...]”.

Depoimento oral de Ailton Krenak  
Parque da Previdência, São Paulo, SP, novembro de 1993.





Rio de Janeiro, 05-08-92.

Caros companheiros dos Séculos Indígenas.

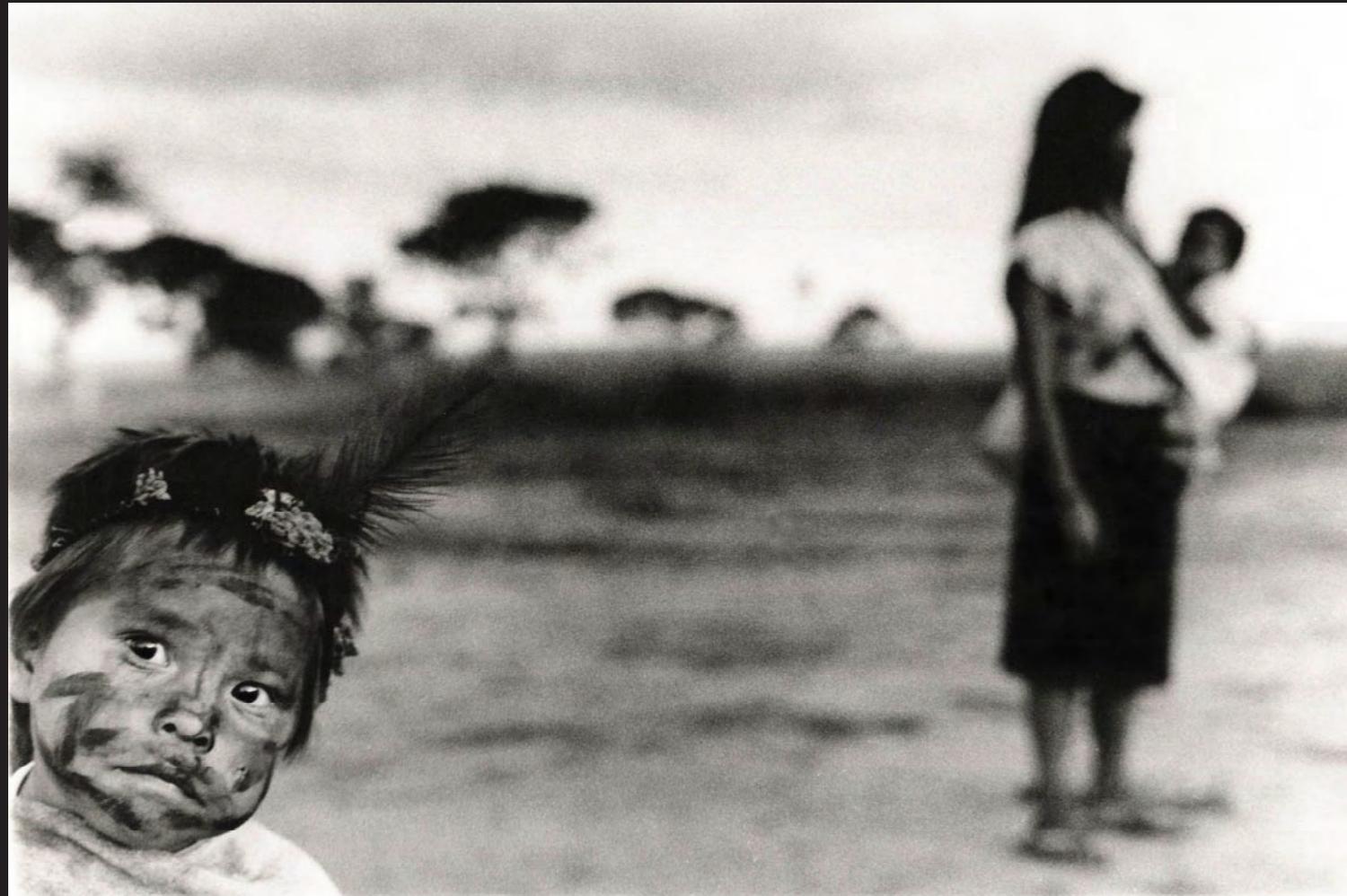
Aproveito a oportunidade para lhes esclarecer sobre os povos indígenas brasileiros e, ao mesmo tempo para me identificar e propor o programa de trabalho a nossa equi.

Os Séculos Indígenas, eis o tema do trabalho. O propósito que vamos alcançar é sobre a realidade de vida uma tão difícil que Os Povos Indígenas enfrentam desde que conheceram o Pedro Álvares Cabral (Brasil) e Cristóvão Colombo (Américas).

Na realidade trata-se de 5 séculos de luta indígena diante dos sistemas religioso, capitalista, latifúndio e político. Conheço a História do Brasil do outro lado, isto é, o patriotismo indígena não igual o de brancos.

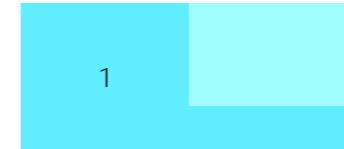
Muitos já falaram sobre o INDÍO BRASILEIRO, mas agora é a nossa VEZ. Queremos a franqueza de solidariedade internacional, principalmente das instituições que se preocupam com o Meio Ambiente, A Vida...

Álvaro Tukano.



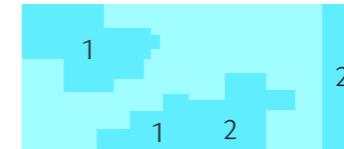
**57 - 58**

1 - Allton Krenak e Álvaro Tukano. Foto de Alexandre de Freitas. Rincão Gaia, RS. 2005.  
2 - Jovens Krikati. Foto de Piotr Jaxa. Montes Alves, MA. 1993.



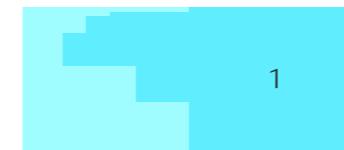
**59 - 60**

1 - Álvaro Tukano. Depoimento. Praia de Grumari, RJ. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**61 - 62**

1 - Aldeia Amondawá, região de Trincadeiras, RO. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Aldeia Yawanawá, região do Rio Gregório, AC. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**63 - 64**

1 - Amondawá. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



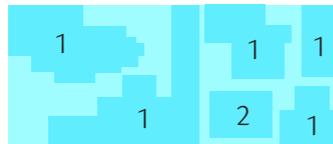
**65 - 66**

1 - Amondawá. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



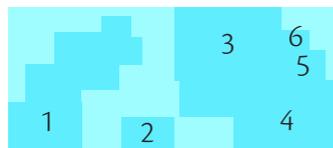
**67 - 68**

1 - Karitiãna. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



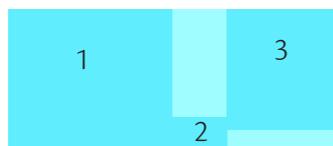
**69 - 70**

1 - Cenas da comunidade indígena Yawanawá. Região do Rio Gregório, AC. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Álvaro Tukano e Biraci Brasil, líder Yawanawá. Foto de Paulo Metz. 1993.



**71 - 72**

1 - Pista de pouso na Aldeia Katukina, Região do Rio Gregório, AC. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Jacó, missionário holandês, Aldeia Katukina. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
3 - Aldeia Amondawá. RO. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
4 - Álvaro Tukano e Rieli Franciscato. RO. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
5 - Cizino Karitiãna, líder indígena. RO. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
6 - Lago da Usina Hidrelétrica de Samuel. RO. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



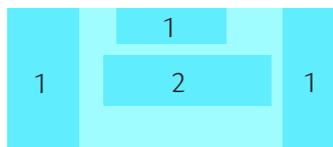
**73 - 74**

1 - Aldeia Krikati, Montes Alves, MA. Foto de Piotr Jaxa. 1993.  
2 - Aldeia Krikati, Montes Alves, MA. Fotograma, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
3 - Aldeia Krikati, Montes Alves, MA. Foto de Paulo Metz. 1993



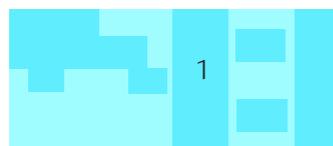
**75 - 76**

1 - Cacique Benjamin, Aldeia Krikati, Montes Alves, MA. Foto de Piotr Jaxa. 1993.  
2 - Jovens das aldeias Krikati e Amondawá. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**77 - 78**

1 - Pintura corporal Krikati, Montes Alves, MA. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Aldeia Krikati - "corrida de toras". Fotos de Paulo Metz. 1993.



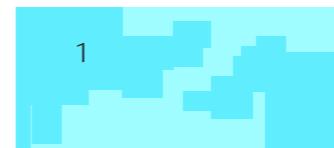
**79 - 80**

1 - Cenas da Aldeia Krikati. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



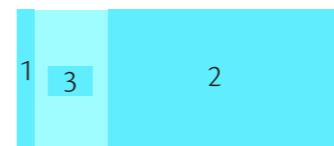
**81 - 82**

1 - Aldeia Krikati, Montes Alves, MA. Foto de Paulo Metz. 1993.  
2 - Cenas da Aldeia Krikati. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



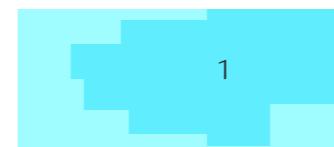
**83 - 84**

1 - Davi Richardson e Antônia Kaxinawá no Centro de Preservação das Artes e Culturas Indígenas, em Altér do Chão, Santarém, PA. Cenas ribeirinhas no Rio Tapajós. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**85 - 86**

1 - Comunidade S. Jorge, São Gabriel da Cachoeira, AM. Fotogramas, a cervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Rio Negro. Foto de Piotr Jaxa. 1993.  
3 - Alberto Padilha Garcia, presidente da Associação das Comunidades Indígenas do Rio Negro. Comunidade S. Jorge, São Gabriel da Cachoeira, AM. Fotograma, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**87 - 88**

1 - Comunidade da Ilha de Camanaus, S. Gabriel da Cachoeira, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



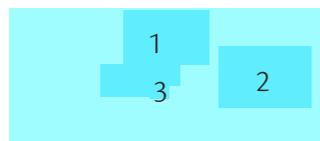
**89 - 90**

1 - Culto religioso na Ilha de Camanaus, S. Gabriel da Cachoeira, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



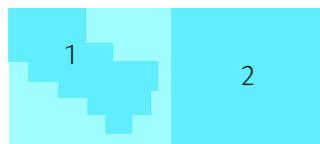
**91 - 92**

1 - Caminhão do Exército, Batalhão de S. Gabriel da Cachoeira, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Igreja Salesiana em S. Gabriel da Cachoeira, AM. Fotograma, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
3 - Brás França, presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. Fotograma, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
4 - Praia do Rio Negro em S. Gabriel da Cachoeira, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



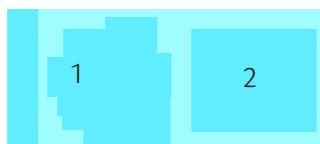
**93 - 94**

1 - Manifestação cultural de canto e dança na Ilha de Camanaus, S. Gabriel da Cachoeira, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Rio Negro, S. Gabriel da Cachoeira, AM. Fotograma, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
3 - Capitão Zeferino Namukurá Borges, líder comunitário. Ilha de Camanaus, S. Gabriel da Cachoeira, AM. Fotograma, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**95 - 96**

1 - Aldeia Tukano do Balaio, Parque Nacional do Pico da Neblina, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Sr. Casemiro, pai de Álvaro Tukano. Foto de Piotr Jaxa. 1993.



**97 - 98**

1 - Aldeia Tukano do Balaio, Parque Nacional do Pico da Neblina, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Aldeia Tukano do Balaio, Parque Nacional do Pico da Neblina, AM. Foto Piotr Jaxa. 1993.



**99 - 100**

1 - Lula, filho de Álvaro Tukano, e seu avô materno. Foto de Piotr Jaxa. 1993.  
2 - Aldeia Tukano do Balaio, Parque Nacional do Pico da Neblina, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
3 - Comunidade indígena de Curicuriari, região do Baixo Rio Negro. S. Gabriel da Cachoeira, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**101 - 102**

1 - Equipe de filmagem, membros da Comunidade Tukano do Balaio e soldados no caminhão do exército. Parque Nacional do Pico da Neblina, AM. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**103 - 104**

1 - Manifestação cultural de canto e dança da comunidade Terena, na aldeia Limão Verde, Aquidauana, MS. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



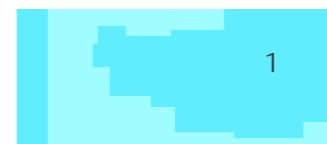
**105 - 106**

1 - Membros da comunidade Terena, na aldeia Limão Verde, Aquidauana, MS. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
2 - Ezequias Hering, "Xará", antropólogo, pesquisador e indigenista. Campo Grande, MS. Fotograma, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
3 - Eduardo Barbosa Pereira, Kaiowá, Dourados, MS. Fotograma, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.  
4 - Joel Terena, administrador regional da FUNAI, Campo Grande, MS. Fotograma, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**107 - 108**

1 - Álvaro Tukano, Ailton Krenak, e membros da comunidade Krenak, Aldeia Krenak, Vale do Rio Doce, MG. Foto Paulo Metz. 1993.  
2 - Aldeia Krenak, Vale do Rio Doce, MG. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



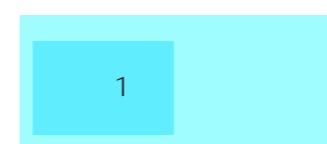
**109 - 110**

1 - Membros da comunidade Krenak, Aldeia Krenak, Vale do Rio Doce, MG. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**111 - 112**

1 - Álvaro Tukano e o trem no Vale do Rio Doce, MG. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



**113 - 114**

1 - Criança Kaiowá, MS. Foto de João Ripper.